

(RE)CORTANDO A DOR E ESTIMULANDO A PALAVRA: RELATO DE UMA PERFORMANCE DE FETICHE E SADOMASOQUISMO NA FESTA MOTEL FETISH

Autora: Raquel Basilton Ribeiro de Ávila; Orientadora: Paula Sandrine Machado,

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo: Este trabalho é um relato de experiência de duas performances fetichistas em uma festa de um bar de Porto Alegre/RS, sendo uma em 2017 e outra em 2018, nas quais a autora utilizou práticas do universo BDSM. A proposta dessa escrita tem como corte agencial a dor, entendida como um fenômeno complexo que envolve diferentes atores semiótico-materiais humanos e não humanos em intra-ação, encontrando aporte no realismo agencial de Karen Barad. É igualmente importante para a elaboração do relato a categoria “experiência”, de Joan Scott. Desse modo, a apresentação artística articula-se com conceitos e teorias das produções acadêmicas sobre corpo, gênero e sexualidade, compondo uma perspectiva localizada e objetiva sobre tais tópicos. A visibilização do assunto possibilita questionar, através da noção de prazer desgenitalizado, entendimentos hegemônicos sobre corpo e sexualidade.

Palavras-chave: sadomasoquismo, dor, sexualidade, realismo agencial, corpo.

O BDSM, conhecido popularmente como sadomasoquismo, tem na sua sigla o acrônimo B/d – bondage e disciplina, D/s – dominação e submissão, S/m – sadismo e masoquismo. As práticas aí inseridas podem ser pensadas em um universo mais amplo denominado *kinky sex*¹, considerando que muitos fetiches podem ser mobilizados junto, mas tendo como corte distintivo a erotização do poder. Nesse contexto, poder é utilizado no sentido de hierarquia, de autoridade, cuja contratualização, ao mesmo tempo em que reforça a consensualidade, implica na verticalização da autoridade envolvida, dividindo praticantes entre Tops e bottoms².

Entre as regras de estabelecimento de um contrato a questão da consensualidade e segurança tem centralidade. Tal negociação é crucial para o acontecimento das práticas, e as terminologias desse âmbito estão em constante debate, tanto entre praticantes quanto na esfera política e acadêmica (marcando-se como um dos alvos de contraponto entre duas vertentes da discussão feminista especialmente das décadas de 70 e 80, cujas críticas são mapeadas por Maria Filomena Gregori (2016a, 2016b) e serão retomadas no decorrer do texto). Ressalto o

¹ *Kinky sex* deliberadamente não traduzido pela insuficiência de uma palavra em português que alcance sua abrangência ao falar de fetiches. Leite Jr (2000) fala desse universo de práticas desviantes das “normais” como contraponto às formas de sexo convencionais, denominadas “baunilha”.

² *Top* é a pessoa que controla a situação e *bottom* quem recebe e se submete, nesse contexto. São expressões em inglês que oferecem a possibilidade de não estabelecer a correlação com um gênero (na linguagem) ou um par específico do acrônimo, como Bondagista, Dominador/a, submisso/a, Sádico/a, masoquista, etc, relacionando somente quem está acima e abaixo na relação hierárquica. Tal diferença é reforçada através da escrita, com maiúscula para se referir a papéis que estão na posição de *Top* e minúscula para papel de *bottom*.

fato de que a primeira delimitação de consensualidade e segurança foi cunhada como SSC (são, seguro e consensual), sendo posteriormente reformulada para RACK (*risk-aware consensual kink*, com livre tradução por consensualidade consciente do risco no *kink*) com o intuito de incluir adeptos de práticas mais intensas, que previam patamares mais elevados de risco envolvido (WILLIAMS, D. J. *et al.*, 2014). Não cabe entrar no detalhe de outras formulações já feitas, mas merece destaque que sempre existe a combinação de uma palavra de segurança³.

O modo como o BDSM une comunidades de adeptos permite diferentes modos de praticá-lo e presume certas regulações que remetem aos modos como as pessoas organizam e são organizadas mediante tais regras – nem sempre aceitando ou negando absolutamente as proposições, mas tendo-as como parâmetros de suas ações. Não pretendo aqui dar conta minuciosamente de como experiência e teoria articulam-se na formação do que se nomeia como BDSM, mobilizando diversos jogos de verdades⁴, mas sim relacionar alguns aspectos deste à minha própria história.

Para retomar como a produção discursiva sobre o BDSM se fez presente na academia, é preciso remontar historicamente de que maneira “sadismo” e “masoquismo” são conceituações que advém do campo da medicina, cunhadas por Von Krafft-Ebbing (2000) com sentido patologizante, fazendo referências ao campo da literatura, apoiando-se nos autores Marquês de Sade e Sacher-Masoch, cujos nomes foram utilizados à revelia dos mesmos e encontram-se ainda inscritos na Classificação Internacional de Doenças sob o código CID 10 F 65.5 e no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais codificado no DSM-5.

Apesar de estes autores da literatura terem tido seus nomes utilizados para cunhar uma sexualidade vista até então como não sadia e considerada “perversa” do ponto de vista médico, a crítica de tal classificação encontra aporte em diferentes autoras e autores. Foucault (1998), ao pensar como o sexo pelo viés do saber-poder- prazer, oferece um entendimento genealógico de como tal saber foi adquirindo possibilidade de formulação, inteligibilidade e legitimidade pelo discurso e quais foram suas materializações no decorrer da história.

³ Palavra de segurança é combinada anteriormente à prática para que a/o bottom comunique à/ao Top quando o limite é alcançado, devendo finalizar ali a sessão. (WEINBERG; WILLIAMS, C. J.; MOSER, 1984)

⁴ Mais especificamente “jogos da verdade e do sexo”, referem-se aos efeitos de uma determinada racionalidade legada pelo século XIX, que produziu, através da *ars erotica* (em algumas sociedades não ocidentais) e *scientia sexualis* (na nossa civilização) o sexo como verdade. ((FOUCAULT, M, 1988, p. 55–56)) 3322.3222

No âmbito dos movimentos de minoria sexual que tem sua ebulição na década de 70 nos EUA, a autora americana Carol Vance (1984) é referência de destaque por entrar no debate feminista de defesa da liberdade das práticas sexuais.

É justamente neste contexto que o BDSM encontra consciência de conotação política, ganhando força junto a grupos gays e lésbicos. Gayle Rubin e Califia (2000), foram fundadoras do grupo sadomasoquista lésbico feminista Samois, que existiu em São Francisco entre 1978 e 1983. Ambas escreveram sobre sexualidade abordando o BDSM e participaram da coletânea *Prazer e Perigo* (VANCE, 1984), que é um marco nesse sentido porque vem recusar a associação de sexualidade aos modelos coercitivos de dominação. Para isso, criticaram posicionamentos de feministas anti pornografia e conseqüentemente anti BDSM como, por exemplo, Dworkin e MacKinnon, e também o Newspaper das Mulheres de São Francisco Contra a Violência na Pornografia e na Mídia e o Newsreport das Mulheres Novaiorquinas Contra a Pornografia, que condenavam a assimetria de poder nessas relações mediante a liberalização de ser inerentemente uma mera extensão do privilégio masculino, tradição que ressoa como os discursos anti-sexuais e conservadores. Os estudos posteriores de Rubin sobre a comunidade *leather* (RUBIN, 2003) são de grande contribuição na área de gênero e sexualidade.

Da literatura feita no Brasil, a autora Wilma Azevedo ([s.d.], 1986) colaborou como precursora do chamado “sadosmasoquismo erótico”, conceito que problematiza a noção de “consenso”. Através dos escritos dela, publicados em revistas eróticas e jornais, as pessoas começaram a criar círculos de amizades mediante correspondências, mediante classificados, em torno do interesse em comum sobre o assunto. Também foi atuante o autor Glauco Mattoso (1986), cuja obra foi capaz de ampliar o interesse sobre o assunto e criar uma conexão entre o público que aprecia esse tipo de sexualidade. Merece destaque o fato de ele ter militado diretamente no combate à ditadura entre as décadas de 70 e 80 como colaborador do jornal O Lampião. A constituição de uma comunidade de praticantes deve muito a essas pessoas, consideradas precursoras.

No Brasil há bastante fonte acadêmica sobre o tema, sendo uma delas Leite Jr (2006; 2000). O autor aborda as práticas que compõem o que nomeia como “cultura S&M” mediante “uma diferença marcante e precisa entre o sujeito “sadosmasoquista” estudado pelas ciências da psique e o adepto da cultura S&M, embora nos meios de comunicação e no imaginário da cultura de massas eles se confundam, muitas vezes, propositalmente.” (LEITE JR, 2000, p. 4). Ele mapeia a existência de homens e mulheres que praticavam

rituais de dor e prazer em plena concordância entre si às margens das interpretações oficiais. Posteriormente, na obra *Das Maravilhas e Prodígios Sexuais* (2006), ele fala um pouco sobre a relação entre a pornografia bizarra e o negócio.

Na área da Saúde Coletiva, Zilli (2007) estudou o discurso de sites brasileiros sobre o assunto e a relação estabelecida entre a linguagem e os estudos psiquiátricos do século XIX. Por conseguinte, ele conclui que as reivindicações de direitos às identidades BDSM está muitas vezes fundamentada com a lógica médica. Embora as explicações sobre o SSC⁵ como elemento legitimador das práticas já estivessem presentes em obras anteriores, aqui merece destaque por estar fortemente presente na pesquisa integrando os “manuais de BDSM na internet”.

Prosseguindo, a influência da antropóloga brasileira Maria Filomena Gregori (2015, 2016a) se faz presente nos estudos sobre BDSM contextualizados pelo “mercado erótico” assim como ampla pesquisa etnográfica em clubes de reunião e convivência da comunidade BDSM, fornecendo rico material de pesquisa. Sem dispensar a crítica feminista em suas análises, ela afirma: “Trata-se, inegavelmente, de uma dinâmica viva que supõe a criação ou invenção de novas normas, bem como idiomas diversificados para velhas e persistentes restrições.” (GREGORI, 2015, p. 248) Seguindo também a linha da antropologia e do feminismo, mas buscando desenvolver outras questões de peso relativas ao universo BDSM, Facchini (2013) também possui artigos publicados sobre o assunto.

Ainda no âmbito acadêmico, o artigo “Erotismo Monocromático: a influência de “50 tons de cinza” na Erotika Fair” foi escrito buscando observar e refletir sobre o impacto da referida produção, que ficou popular como obra erótica com elementos de BDSM. Nesse trabalho, em dupla autoria, é pesquisada a edição do ano de 2015 dessa feira (avaliada como a maior de produtos eróticos da América Latina) na relação com seus artefatos materiais enquanto produtores de e produzidos por determinadas noções de erotismo. (AVILA; CARVALHO, 2015).

Já com características bastante diferentes pelo próprio caráter de manifesto, o livro de Preciado (2014) traz algumas ideias de exploração do prazer não genitalizado no corpo, propondo o dildo como diferentes possibilidades corporais. Visualiza-se até a um chicote entre as ilustrações da ideia.

⁵ SSC – “as atividades BDSM devem ocorrer em um contexto São/Sadio, Seguro e Consentido/Consensual. [...] o consentimento torna-se o ponto central de fixação do conceito de BDSM enquanto algo legítimo e não patológico. Ele é complementado pela noção, um pouco difusa, de bem-estar físico e psíquico expressos pelo São e Seguro.” (ZILLI, 2007, p. 68 e 69). (83) 3322.3222

Há ainda o pós-pornô que, organizado em estrita ligação com a arte, tem boa parte de seu repertório nas práticas sadomasoquistas. Coletivos, como o Post-Op, de Barcelona, trabalham nesse sentido. A perspectiva política de corpos que realizam tal potência na sexualidade, utilizando o BDSM como parte dessa expressão mostra-se oportuna enquanto entendimento. (FERREIRA; GROSSI, 2014). Essa perspectiva mostra como o sadomasoquismo está ligado a uma mudança de paradigma em relação à sexualidade, no sentido de ser um modo de exercê-la questionando determinadas normas. Por mais que muitas declarações da teórica sejam questionáveis, seu aporte pelo viés feminista não é descartável, especialmente por repousar na produção de filmes que se desvinculam da indústria pornô tradicional e intervenções artísticas que afrontam normas estabelecidas.

As apresentações

Minha primeira vez em um clube de BDSM foi no Clube Dominna, no início de 2009, em São Paulo. Seja por estudos sobre o assunto na internet e a prática erótica que já adotava na intimidade, seja por ter contatado anteriormente a responsável pelo local (o que era exigência para ter acesso à entrada, bloqueada a curiosos), fui já interessada no que encontraria por lá. Desde então o passar dos anos trouxe os “nós” de amizade e o conhecimento aprendido e ensinado. As muitas amarras da experiência, que fazem uma comunidade existir, mas que também são viabilizadas por ela, coroaram meu reconhecimento como Dominadora.

A pequena revisão bibliográfica feita mostrou alguns aspectos sobre o BDSM e como já existe uma tradição de estudá-lo na academia e como tal, articulam-se à minha experiência como Dominadora para pensar as duas performances que serão narradas no relato.

Ambas puderam acontecer mediante o convite de organizadores da *Motel Fetish*, uma festa que acontece sem uma periodicidade específica e cuja descrição de evento incentiva o uso de *dresscode*⁶ com roupas temáticas sadomasoquistas, circenses, burlescas, *lingeries* e fantasias de couro ou látex. O espaço que abrigou as edições é um bar cuja proposta principal é a temática burlesca, mas que também oferece oportunidades a outras expressões artísticas.

Minha primeira participação com apresentação de uma cena foi na terceira edição da *Motel Fetish*. O tema religioso foi o escolhido. Mais especificamente, liturgia cristã. A

⁶ Pode ser traduzido como código de vestimenta, embora utilizado em inglês, para indicar um tipo de roupa desejável para que o público use, em consonância com a temática do evento.

inspiração veio das leituras “foucaultianas” do momento. Confissão, penitência, pecado e liturgia estavam no escopo sobre o questionamento do que o indivíduo constitui como parte dele mesmo enquanto matéria principal de sua conduta moral.

Com tais inquietações, busquei fazer uma investigação de algumas práticas que a Igreja utiliza como purificação e de que modo isso pode estar relacionado a um corpo que aprende a transmutar a dor em algo que não se localiza na sua produção em si: o êxtase. A intenção era não fazer uma relação lógica e estabilizada entre o cristianismo e a moral sexual como dedução lógica de correspondência em que uma define a outra. Para materializar e tornar visível o que estava vindo até então do campo do sensível foram dispostos, numa descrição básica: 3 corpos humanos, 20 agulhas, velas, vinho, música, roupa, sapato e alguns chicotes.

Cada elemento humano e não humano emergiu em intra-ação⁷. A liquidez do vinho achou seu caminho pela língua que o sorveu nos pés sendo ali banhados (buscando analogia no ritual cristão da lavagem dos pés e na metáfora do sangue de cristo o mote para uma cena de podolatria⁸). As agulhas que perfuraram os braços acharam, na acoplagem com um fitilho, a posição de imobilidade que os joelhos dobrados completaram para a confissão e oração serem proferidas (relacionando a posição tradicional da reza – de joelhos e mãos unidas em frente ao peito – à da submissão). Uma por vez, as duas pessoas, uma em frente à outra segurando uma vela em suas mãos, foram incitadas a confessar seus pecados considerados mais vergonhosos e íntimos. Em seguida, cada qual fez uma oração⁹ e recebeu cera de vela na pele e chicotadas como penitência. Como resultado, houve uma espécie de êxtase produzido na dor envolta no simulacro da purificação.

Em seguida desse outubro de 2017 (data da primeira performance) aconteceram várias difrações¹⁰ sobre a cena performada e foi decidido que haveria novamente. Contribuiu para isso não apenas o fato de terem existido diversas reações do público mas principalmente o fato delas terem feito parte de um fenômeno que não se encerrou ali (e que também foi – é – um dos motivos que incentivou a escrita desse relato enquanto experiência). Algo que se

⁷ Intra-ação é um termo cunhado por Karen Barad para se contrapor a “interação”, que presume a pré-existência de entidades independentes de um fenômeno.(BARAD, 2003, p. 815)

⁸ Podolatria é explicada como Adoração de pés, que pode incluir na prática desde a simples contemplação ou longas massagens, até masturbação, beijos e lambidas ou a penetração destes nos genitais . (LEITE JR, 2000, p. 35)

⁹ Anexo 1

¹⁰ no sentido que Karen Barad utiliza do conceito, potente por não se limitar à reflexão, cuja relacionalidade produz um igual deslocado ou invertido.(BARAD, 2003)

assemelha ao que Joan Scott afirma a respeito da experiência de Delany quando tem a tomada de consciência da participação em um movimento, que é político “Tornar o movimento visível rompe o silêncio acerca do mesmo, desafia noções dominantes, e abre novas possibilidades para todos”. (SCOTT, 1998, p. 2)

A apresentação seguinte, que seria encenada em janeiro de 2018, pedia uma provocação política mais explícita. Uma performance que evidenciasse o poder tal qual evidenciado no BDSM e o questionasse, por uma perspectiva inesperada, provocando tensão e tesão. Dentro dessas inquietações surgiu a ideia da temática militar com todo seu aparato de tortura, hierarquia e disciplina, também comumente alvo de desejo na esfera dos fetiches. Instrumentos como farda, coturno, bota, corda, chibata, lanterna, um pedaço de látex, balde de água, pregadores e músicas que faziam referência a diferentes contextos de guerra acoplaram-se a dois corpos e borraram fronteiras do sofrimento e do prazer.

É importante destacar que nas práticas do BDSM é possível constatar a possibilidade de uma sexualidade acessada por diferentes estímulos e desgenitalizada conforme diz Foucault (2004, p. 263–264):

Eu penso que o S/M [...] é a criação real de novas possibilidades de prazer, que não se tinha imaginado anteriormente. A ideia de que o S/M é ligado com uma violência profunda e que essa prática é um meio de liberar essa violência, de dar vazão à agressão é uma ideia estúpida. Nós sabemos muito bem que essas pessoas não são agressivas entre elas; que elas inventam novas possibilidades de prazer utilizando certas partes estranhas do corpo — erotizando o corpo. Eu acredito que temos uma forma de criação, de depósito de criatividade, dos quais a principal característica é o que chamo de dessexualização do prazer. A ideia de que o prazer físico provém sempre do prazer sexual e a ideia de que o prazer sexual é a base de todos os prazeres possíveis, tem, penso eu, verdadeiramente algo de falso. O que essas práticas de S/M nos mostram é que nós podemos produzir prazer a partir dos objetos mais estranhos, utilizando certas partes estranhas do corpo, nas situações mais inabituais, etc.

Desde a falta de roupa exposta frente ao corpo vestido, a falta de ar provocada pelo pedaço de látex pressionado contra o rosto em meio a ofensas humilhantes, o afogamento permeando o interrogatório – houve o gesto vertical e implacável de submeter. Golpes por cada pedaço de carne disponível denunciaram o abuso, ali, consentido. A escolha que não foi dada a tantas e tantos, encenada no escracho e reiteração da figura de autoridade. Nesse âmbito sexual, a dor performada foi central enquanto domínio. Também é central para pensar que o corpo e o sexo vem sendo esquadrihado pelo escopo de

uma norma continuamente reproduzida como se natureza e cultura fossem uma oposição inescapável. Nada que escape completamente à norma, mesmo com a resistência da subversão. Ainda assim, uma possibilidade de corpos cederem, alargarem, negociarem recusa e aceitação num jogo de forças de tocar e ser tocado - o tema é potente para falar sobre corpo, sobre a produção de uma sexualidade política, sobre patologização e sobre as normas mesmas que fazem parte dessa produção.

Finda a segunda apresentação prossegui nos estudos sobre o tema e deparei-me com a história de Bob Flannagan. A publicização das práticas do BDSM com sua figura seguiu no paradigma de uma luta. A relação dele com a dor moldou sua relação com a doença incurável com que precisou conviver durante toda a vida. As torturas que escolheu experimentar ajudaram-no a ganhar controle sobre um corpo que, física e psicologicamente, frequentemente estava fora de controle. Diz ele: “I’ve learned to fight sickness with sickness” (Eu aprendi a lutar contra a doença com doença – livre tradução minha). (REYNOLDS, 2007, p. 47)

Junto à parceira (esposa e Dominadora) Sheree Rose, compartilhou com o grande público elementos conflitantes sobre sua vida e permitiu conversações sobre contradições e complexidades do corpo humano exibidas por ele através de performances – que levaram-no a nomear-se “supermasoquista”. Seu exemplo traz à tona questões a respeito das liberdades civis e sexuais de indivíduos e suas diversidades corporais. Por mais que nem todas as pessoas desejem ou adotem práticas de BDSM, sua possibilidade suscita a compreensão de aspectos que fogem aos modelos heteronormativos e compreendem a sexualidade humana como multifacetada e política.

Como pesquisadora e praticante, explicitando meu posicionamento objetivamente, escolhi a dor como recorte. Por meio dessa escolha posso colocar em questão um tipo de contato entre coisas e gente de maneira a me aproximar de uma alteridade tão bem descrita por Karen Barad quando termina seu ensaio *On Touch* (2012, p.9):

[...] fazendo uma tentativa de colocar “nós” mais intimamente em contato com essa alteridade infinita que vive dentro, ao redor e através de nós, ao nos despertar para o inumano que, portanto, somos, para o reconhecimento de que pode ser o inumano, o insensível, o irracional, o insondável e o incalculável que nos ajudará a encarar as profundezas do que a responsabilidade implica.

Junto a outras teóricas feministas “Gostaria de uma doutrina de objetividade corporificada que acomodasse os projetos científicos feministas críticos e paradoxais: objetividade feminista significa, simplesmente, saberes localizados.” (HARAWAY, 1995, p. 18).

Anexos

Anexo 1

Orações: “Santíssima Trindade do BDSM, São Seguro e Consensual, adoro profundamente e ofereço-vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade, presente em todos os poros da minha pele, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que seus desígnios a mim são ofendidos. E pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração, do Teu Coração Imaculado, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores.”

“Confesso à Madre Superiora toda-poderosa e a vós, irmãos e irmãs, que pequei muitas vezes por pensamentos e palavras, atos e omissões, por minha culpa, minha tão grande culpa. E peço à Abadessa, aos anjos e santos e a vós, irmãs e irmãos, que rogueis por mim.”

Anexo 2

Foto performances



Referências Bibliográficas

- AVILA, R. B. R. De; CARVALHO, G. Z. De. Erotismo Monocromático: a influência de “50 tons de cinza” na Erotika Fair. **Composição Revista de Ciências Sociais da UFMS**, 2015. v. Edição Esp, p. 491–512.
- AZEVEDO, W. **Tormentos Deliciosos**. Graphic Vi ed. São Paulo: [s.n.], [s.d.].
- _____. **A Vênus de Cetim**. Editora On ed. São Paulo: [s.n.], 1986.
- BARAD, K. Posthumanist Performativity: Toward an Understanding of How Matter Comes to Matter. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, 2003. v. 28, n. 3, p. 801–831. Disponível em: <<http://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/345321>>.
- CALIFIA, P. Feminism and Sadomasochism. **Public Sex: the culture of radical sex**. [S.l.]: Cleis Press, 2000.
- FERREIRA, V. K.; GROSSI, M. P. Teoria queer , políticas pós pornô e privatização da sexualidade: uma conversa com Marie-Hélène Bourcier. **Revista Estudos Feministas**, 2014. v. 22, n. 3, p. 913–928.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade II - O uso dos prazeres**. [S.l.]: [s.n.], 1998.
- FOUCAULT, M. Michel Foucault , uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. **Verve**, 2004. p. 260–277.
- GREGORI, M. F. Prazeres perigosos: o contrato e a erotização de corpos em cenários sadomasoquistas. **Etnográfica**, 2015. v. 19, n. 2, p. 247–265. Disponível em: <<http://etnografica.revues.org/3992>>.
- _____. Risco e êxtase nas práticas eróticas *. **Cadernos Pagu**, 2016a. n. 47. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n47/1809-4449-cpa-18094449201600470016.pdf>>.
- _____. **Prazeres Perigosos: erotismo, gênero e limites da sexualidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016b.
- HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da

perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, 1995. n. 5, p. 07–41.

KRAFFT-EBING, R. Von. **Psychopathia sexualis: as histórias de caso**. Martins Fo ed. São Paulo: [s.n.], 2000.

LEITE JR., J. **Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia bizarra como entretenimento**. Annablume ed. São Paulo: [s.n.], 2006.

LEITE JR, J. **A Cultura S&M**. [S.l.]: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000.

MATTOSO, G. **Manual do Pedólatra Amador**. Expressão ed. São Paulo: [s.n.], 1986.

PRECIADO, B. **Manifesto contrassexual**. n-1 edição ed. São Paulo: [s.n.], 2014.

REYNOLDS, D. Disability and BDSM: Bob Flanagan and the case for sexual rights. **Sexuality Research and Social Policy**, 2007. v. 4, n. 1, p. 40–52.

RUBIN, G. Pensando o sexo: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade. **Cadernos Pagu**, 2003. n. 21.

SCOTT, J. W. A Invisibilidade da Experiência. **Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, 1998. v. 16, p. 297–325. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11183>>.

VANCE, C. S. **Pleasure and Danger**. Boston, London, Melbourne and Henley: Routledge & Kegan Paul, 1984.

WEINBERG, M. S.; WILLIAMS, C. J.; MOSER, C. The Social Constituents of Sadomasochism Author (s): Martin S . Weinberg , Colin J . Williams and Charles Moser Published by : University of California Press on behalf of the Society for the Study of Social Problems Stable URL : <http://www.jstor.org/sta>. **Social Problems**, 1984. v. 31, n. 4, p. 379–389. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/800385>>.

WILLIAMS, D. J. *et al.* From “SSC” and “RACK” to the “4Cs”: introducing a new framework for negotiating BDSM participation. **Electronic Journal of Human Sexuality**, 2014. v. 17, p. 1–11.

ZILLI, B. D. **A perversão domesticada: estudo do discurso de legitimação do BDSM na Internet e seu diálogo com a Psiquiatria**. [S.l.]: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2007.